



Olivia Nogueira Hirsch

**“Hoje eu me sinto africana”:
processos de (re)construção de identidades em um grupo
de estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Sonia Maria Giacomini

Rio de Janeiro
Novembro de 2007



Olivia Nogueira Hirsch

**“Hoje eu me sinto africana”:
processos de (re)construção de identidades em um grupo
de estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Sonia Maria Giacomini

Orientadora

Departamento de Sociologia e Política – PUC-Rio

Prof. Helion Póvoa Neto

IPPUR/UFRJ

Prof. Roberto Augusto DaMatta

Departamento de Sociologia e Política – PUC-Rio

Prof. João Pontes Nogueira

Coordenador Setorial

do Centro de Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 2007

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Olivia Nogueira Hirsch

Graduou-se em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela PUC-Rio, em 1997. Tem interesse nas áreas de Antropologia das Populações Afro-brasileiras e Antropologia Urbana, com ênfase nos temas: relações interétnicas, migrações, identidade social e corporalidades.

Ficha Catalográfica

Hirsch, Olivia Nogueira

“Hoje eu me sinto africana” : processos de (re)construção de identidades em um grupo de estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro / Olívia Nogueira Hirsch ; orientadora: Sonia Maria Giacomini. – 2007.

227 f. : il.(col.) ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Inclui bibliografia

1. Sociologia – Teses. 2. Identidade. 3. Relações interétnicas. 4. Deslocamentos. 5. Estudantes. 6. Cabo-verdianos. I. Giacomini, Sonia Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Sociologia e Política. III. Título.

A Tiago e toda nossa família, com amor.

Agradecimentos

À Capes e à PUC-Rio pelas bolsas concedidas, sem as quais esse trabalho não poderia ter sido realizado.

À Sonia Giacomini, que, a cada encontro, me ensinou a construir o olhar antropológico. Agradeço por esse trabalho ser resultado de um convívio tão agradável. Sentirei saudades das nossas conversas. A você, Sonia, minha gratidão.

À Santuza Naves, por ter me recebido em suas aulas e me apoiado, quando ainda mal nos conhecíamos, no projeto de ingressar nesse mestrado.

Ao prof^o Roberto DaMatta, por todos os livros que escreveu, muitos deles marcantes em meu processo de formação.

Aos demais professores do departamento, por permitirem que se estabeleça um relacionamento tão saudável entre alunos e professores.

À Ana Roxo, pelos puxões de orelha e pelo carinho. À Mônica e Mercedes, por serem sempre tão atenciosas.

À Elielma Ayres, por ter, no 3^o período, me apresentado a Antropologia. Naquele momento começou a se delinear o projeto de fazer esse mestrado.

Ao José Carlos Rodrigues, por ter durante a graduação sempre me incentivado e orientado nessa empreitada.

Ao Helion Póvoa, pela receptividade, pelas valiosas indicações de leitura e por oferecer a todos do Niem informações diárias sobre deslocamentos no mundo.

Ao prof^o José Maria Nunes Pereira, por ter me dado a primeira aula sobre Cabo Verde e ter feito as primeiras indicações de leitura sobre o arquipélago.

À Giralda Seyferth, por ter permitido que assistisse como ouvinte suas proveitosas aulas no Museu Nacional.

Ao Daniel Leitão e à Camila Leão, do Ministério de Relações Exteriores, e também à Força Aérea Brasileira, por terem tornado realidade a viagem a Cabo Verde, absolutamente indispensável para a realização desse trabalho.

À Nina Handing, por ter escaneado, enquanto estava de licença-maternidade, as mais de 100 páginas de sua pesquisa para enviar-me por e-mail. Sinceramente, não tenho nem palavras para agradecer...

Às famílias Nascimento e Duarte, de Mesquita, por terem me recebido de portas abertas em suas casas e suas vidas.

À família Oliveira da Silva, de Nova Iguaçu, pela receptividade e carinho sempre que nos encontramos.

Ao cônsul-honorário, Pedro Antônio dos Santos, pela gentileza e simpatia.

Às famílias Oliveira Soares (Ilha do Sal), Aguirre Alinho e Lopes Estrela (Santiago), assim como a Jandira Barros e a Amilcar Aristides, que me fizeram entender tão bem o que é a morabeza cabo-verdiana. A experiência em Cabo Verde não teria sido tão prazerosa sem vocês.

Ao António Correia e Silva, por ter me dado 45 minutos extremamente valiosos de seu tempo e que tão proveitosos foram para a pesquisa.

Ao Daniel Costa e à Vera Duarte, pelas elucidativas entrevistas.

A Fátima Alves, Deolindo Barros, Diego Alinho, Lamin Ramos e Leida Mota, que me introduziram no universo dos estudantes cabo-verdianos no RJ. Agradeço a vocês pelo convívio e pelo carinho. Esse trabalho é resultado disso.

Ao Yuri Abreu por ter gentilmente cedido suas poesias.

Aos entrevistados, sem os quais essa dissertação não teria sido possível.

Às pessoas que me ajudaram a transcrever as mais de 40 horas de entrevistas: Maiara Oliveira, Tatiana Campagnac e João Joffily Coutinho.

Aos queridos colegas de mestrado. Em especial ao Antonio Engelke, pela generosidade, emprestando-me seus resumos na véspera do exame de admissão.

À amiga Taís Glória, pelas calorosas conversas, ainda na adolescência, sobre o significado de ser negro no Brasil.

À minha mãe, Ana Branco, por ter me mostrado que o mundo é muito mais plural e diverso do que eu poderia imaginar. Arrisco dizer que a Antropologia não teria feito tanto sentido em minha vida se não fosse por isso.

Ao meu pai, Marvin Hirsch, que me ensinou o prazer de viajar. Agradeço a ele também por ter, mesmo à distância, me apoiado e incentivado, não tendo dúvidas de que eu seria capaz de completar mais essa etapa.

Aos meus irmãos, sobrinhas e madrastra, por fazerem parte da minha vida.

Ao Tiago Joffily pela paciência, companheirismo e constante apoio. Pelo interesse na pesquisa e pelas várias discussões intelectuais, muitas delas presentes nessa dissertação. No mais, por compartilhar comigo sua vida e me fazer tão feliz.

Resumo

Hirsch, Olivia Nogueira; Giacomini, Sonia Maria. **“Hoje eu me sinto africana”**: processos de (re)construção de identidades em um grupo de estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. 227 p. Dissertação de mestrado. Departamento de Sociologia e Política. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A pesquisa busca compreender os processos de (re)construção identitária vividos por um grupo de estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro. Identificados majoritariamente como negros e mulatos pelos brasileiros, esses estudantes vêm de uma sociedade que atribui à mestiçagem a especificidade da identidade nacional. Esse discurso, construído por uma elite que muito se apropriou das idéias de Gilberto Freyre, buscava diferenciar os cabo-verdianos das populações das demais colônias portuguesas na África, garantindo ao ilhéu o posto de “segundo colonizador”. No Rio de Janeiro, porém, foi possível constatar que a maioria desses jovens construiu um olhar mais crítico em relação à mestiçagem. Esse processo foi acompanhado de uma valorização de uma identidade afro-referenciada, possivelmente por influência do intenso debate sobre a implementação de políticas de identidade no Brasil. Mas as transformações vividas pelos estudantes cabo-verdianos não se limitam à identidade étnica. Provenientes de um país onde há mais habitantes fora do que dentro de seus limites geográficos, estudar no exterior significa para esses jovens não apenas estar em vias de conformar a futura elite intelectual do arquipélago, mas também construir-se como cabo-verdiano, na medida em que a adaptação a outras culturas é percebida como uma especialidade nacional.

Palavras-chave

Identidade, relações interétnicas, deslocamentos, estudantes, cabo-verdianos.

Abstract

Hirsch, Olivia Nogueira; Giacomini, Sonia Maria. **“Today I feel African”**: identities (re)construction processes in a group of Cape Verdean students in Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. 227 p. Master’s dissertation. Department of Sociology and Politics. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The research focuses on the identities (re)construction processes experienced by a group of Cape Verdean students in Rio de Janeiro. Mainly identified by Brazilians as blacks and *mulattoes*, those students come from a society where miscegenation is seen as a national identity specificity. This speech, constructed by an elite that eagerly adopted Gilberto Freyre’s ideas, intended to differentiate the Cape Verdeans from the populations of the other Portuguese colonies in Africa granting the islanders a “second colonizer” status. In Rio de Janeiro, however, it was possible to verify that the majority of those youngsters had developed a more critical view regarding the idea of miscegenation. This process occurred simultaneously to the valorization of an afro identity, possibly influenced by the intense debate regarding the implementation of identities politics in Brazil. Nevertheless, the transformations experimented by the Cape Verdean students can not be reduced to the ones regarding the ethnic identity. Coming from a country where there are more inhabitants outside than inside their geographical borders, to study abroad means for those youngsters not only to be in the path to become part of the archipelago’s future intellectual elite, but also to construct themselves as Cape Verdeans, since adaptation to other cultures is perceived as a national specialty.

Keywords

Identity, interethnic relations, physical mobility, students, Cape Verdeans.

Sumário

1. Introdução	13
2. Brasil: país de acolhida	21
2.1. Migração	21
2.1.1. Histórico de imigração e ideologia do branqueamento	21
2.1.2. De país de imigração a país de emigração	25
2.1.3. Novos fluxos	27
2.2. “Raça” e mestiçagem no Brasil	30
2.2.1. Mapeando o debate	30
2.2.2. Especificidades do “racismo à brasileira”	38
3. Cabo Verde: país de origem	42
3.1. “Os cabo-verdianos nasceram para o mundo”	43
3.1.1. Contextualização: estrutura social	44
3.1.2. Rumo à “Merca”	49
3.1.3. Redes sociais	55
3.1.4. Cultura migratória	59
3.1.5. Uma (trans)nação	63
3.2. Cabo-verdianidade	69
3.2.1. O eterno dilema: Europa ou África?	70
3.2.2. A construção de um discurso	72
3.2.3. Gilberto Freyre e o movimento Claridade	77
3.2.4. Geração de 50: um olhar para a África	84
3.2.5. Com a Europa na bandeira	85
3.3. “Racismo? Em Cabo Verde não tem isso não”	87
3.3.1. “Nós” <i>versus</i> “mandjakos”	103
3.4. “Vender pastéis para comprar papéis”	106
3.4.1. Educação pré e pós-independência	107
3.4.2. Ensino superior	111

4. Cabo-verdianos no Rio de Janeiro	118
4.1. Quem são?	120
4.1.1. Imigrantes	120
4.1.2. Estudantes	124
4.1.2.1. Programa Estudante-Convênio e Universidade	124
Santa Úrsula	
4.1.2.2. Brasil: segunda opção	127
4.1.2.3. Moradia	131
4.1.2.4. Sociabilidade	132
4.2. Estudar no exterior: um rito de passagem	136
4.2.1. O retorno como fortalecedor da solidariedade orgânica	145
4.3. Quando o fenótipo condena: ser negro no Brasil a partir de um olhar estrangeiro	146
4.3.1. “Ser dois” e “ser apenas um”: experiências de estudantes e imigrantes	147
4.3.2. A inserção social influencia a classificação: negros, pretos e cabo-verdianos	151
4.3.3. Entre o paraíso e o inferno “racial”	163
4.3.4. Identidade(s)	171
4.3.5. Quando o sotaque absolve: ser “negro estrangeiro” no Brasil a partir do olhar cabo-verdiano	181
4.3.6. Comparando com os Estados Unidos	187
4.4. Com a África no corpo	189
4.4.1. “Raízes africanas” <i>versus</i> hip hop	194
4.5. O retorno: uma questão em aberto	197
5. Conclusão	203
6. Referências bibliográficas	208
7. Anexos	221

Negro por acidente

*Rasguei a minha pele, para ver o que há por dentro
Senti culpa, de ter nascido negro
Olhei para o céu e tudo vestido de negro
Será que nascemos todos no dia do céu negro?*

*Passo por aí e ouço negro saindo das bocas
Das bocas famintas, dos olhos secos, das mentes queimadas
Passo por aí e vejo o racismo desfilando que é uma beleza
Negro, negro, na negritude, um dia serás alteza*

*Senti por dentro, que tudo foi um acidente de percurso
Mas no curso certo, contrario-me para que o orgulho se estenda*

*Ando desprovido de recurso
Mas levo uma consciência e um sorriso embrulhado na minha vida*

*Negro por acidente, o título não me diz nada
Acidente de um negro, aí sim minha mente sofrida
Feridas excarcunhadas, unhas vermelhas, desespero impregnada
Alma esquecida, negro, rochas que não sentem nada.*

Y. Abreu¹

¹ O poeta Y. Abreu é cabo-verdiano, aluno da Universidade Santa Úrsula.